

ANÁLIA EMÍLIA FRANCO BASTOS
A grande dama da educação brasileira
1853-1919



Biografia 1

Anália Emília Franco Bastos nasceu em Resende – então, conhecida como Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Resende -, no estado do Rio de Janeiro, em 1º de fevereiro de 1853. Era filha do Sr. Antônio Mariano Franco Júnior e de Dona Teresa Franco.

Aos 16 anos de idade, entrou num Concurso de Câmara e conseguiu aprovação para exercer o cargo de professora primária. Trabalhou como assistente de sua própria mãe durante algum tempo. Em 1872, diplomou-se Normalista, em São Paulo. Após se casar com Francisco Antônio Bastos, seu nome passou a ser Anália Franco Bastos.

À época, em 1871, acabara de ser sancionada a “Lei do Ventre Livre” no país, quando todos os nascituros de escravizadas no Brasil Império, a partir daquele momento, eram considerados livres. Foi quando a verdadeira vocação de Anália Franco se exteriorizou: a literária. Já era notável literata, jornalista e poetisa; entretanto, chegou ao seu conhecimento que os recém-nascidos dessas mulheres estavam previamente destinados à “Roda” da Santa Casa de Misericórdia.

Já perambulavam, pelas estradas e pelas ruas, mendicantes, os negros expulsos das fazendas por impróprios para o trabalho. Nessa ocasião, trocou seu cargo na Capital de São Paulo por outro no interior, a fim de socorrer as crianças necessitadas. Em um bairro de uma cidade do norte do Estado paulista, conseguiu uma casa para instalar uma escola primária.

Uma fazendeira rica lhe cedeu a casa escolar com uma condição, o que foi frontalmente repellido por Anália: não deveria haver mistura entre crianças brancas e negras. Diante dessa condição humilhante, Anália recusou a gratuidade do uso da casa, passando a pagar um aluguel, já que não compactuava com a discriminação racial. A fazendeira guardou ressentimento à altivez da professora; porém, naquele local, Anália inaugurou a sua primeira e original Casa Maternal.

Posteriormente, ela foi para a cidade e alugou uma casa velha, pagando de seu bolso o aluguel correspondente à metade do seu ordenado. Como o restante era insuficiente para a alimentação das crianças, não hesitou em ir, pessoalmente, pedir esmolas para a meninada. Partiu de manhã, à pé, levando consigo o grupo a que ela denominava de “meus alunos sem mães”.

Numa folha local, anunciou que, ao lado da escola pública, havia um pequeno “abrigo” para as crianças desamparadas. Moça e magra, modesta e ativa, aquela impressionante figura de mulher, que mendigava para filhos de escravizadas, tornou-se um escândalo. Era uma mulher perigosa, na opinião de muitos. Contudo, rugiu a seu favor um grupo de abolicionistas e republicanos, contra o grande grupo de católicos, escravocratas e monarquistas.

Com o decorrer do tempo, deixando algumas escolas maternais no interior, foi para São Paulo. Lá entrou brilhantemente para o grupo abolicionista e republicano. Sua missão, todavia, não era política. Sua preocupação maior era com as crianças desamparadas, o que a levou a fundar, em 1898, uma revista própria, intitulada Álbum das Meninas. O artigo de fundo, do primeiro número, tinha o título “Às mães e educadoras”.

Seu prestígio no seio do professorado já era grande, quando surgiram a abolição da escravatura e a Proclamação da República. O advento dessa nova era encontrou Anália com dois grandes colégios gratuitos para meninas e meninos. E logo que as leis o permitiram, ela, secundada por vinte senhoras amigas, fundou o instituto educacional que se denominou Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, no ano de 1901 em São Paulo.

Em seguida, criou várias “Escolas Maternais” e “Escolas Elementares”, e, em 1902, o Liceu Feminino, com o curso de dois anos para as professoras de “Escolas Maternais”, e de três anos para as “Escolas Elementares”.

Anália Franco publicou numerosos folhetos e opúsculos referentes aos cursos ministrados em suas escolas, tratados especiais sobre a infância, nos quais as professoras encontraram meios de desenvolver as faculdades afetivas e morais das crianças, instruindo-as ao mesmo tempo. O seu opúsculo “O Novo Manual Educativo” era dividido em três partes: Infância, Adolescência e Juventude.

Em 1º de dezembro de 1903, passou a publicar a revista mensal “A Voz Maternal”. Anália mantinha escolas e creches na Capital e no interior, além de bibliotecas, maternais, cursos profissionalizantes, etc., totalizando 37 instituições.

Escreveu diversos livretos para a educação das crianças e para as Escolas, os quais são dignos de serem adotados nas escolas públicas. Era espírita fervorosa, revelando sempre inusitado interesse pelas coisas atinentes à Doutrina Espírita.

Em 1911, conseguiu, sem qualquer recurso financeiro, adquirir a “Chácara Paraíso”, na qual fundou a Colônia Regeneradora D. Romualdo, internando ali, sob direção feminina, os garotos mais aptos para a lavoura, a horticultura e outras atividades agropastoris, recolhendo, ainda, moças que não haviam encontrado seu caminho, conseguindo, assim, orientar centenas de mulheres.

Em sua visão de futuro, Anália criou a Associação de molde a suprir previsíveis deficiências da época: já nos Estatutos, incluiu a criação de Liceus para formarem suas professoras; ela própria escreveu os livros didáticos e pedagógicos, raros em língua portuguesa, e montou uma tipografia para imprimi-los; criou meios de subsistência para suas Instituições, de modo a não depender exclusivamente de auxílios e subvenções, procurou não só asilar o desprotegido, mas dar-lhe independência profissionalizando-o e devolvendo-o à sociedade como cidadão útil, pronto a colaborar, nunca a pedir.

A vasta sementeira de Anália Franco consistiu-se em 71 escolas, dois albergues, uma colônia regeneradora para mulheres, 23 asilos para crianças órfãs, uma Banda Musical Feminina, uma orquestra, um Grupo Dramático, além de oficinas para manufatura de chapéus, flores artificiais, etc., em 24 cidades do interior e da Capital Paulista.

DESENCARNE

Anália Franco morreu no dia 20 de janeiro de 1919, em São Paulo, aos 66 anos, vitimada pela gripe espanhola. Sua desencarnação ocorreu precisamente quando havia tomado a deliberação de ir ao Rio de Janeiro fundar mais uma instituição, o “Asilo Anália Franco” – ideia essa concretizada posteriormente pelo seu esposo.

Considerando a época em que viveu, na qual a mulher era preparada para as atividades do lar e o desempenho da maternidade, pode-se dizer que Anália Franco foi uma mulher ousada e que viveu além do seu tempo, ao realizar uma obra sem parâmetros, que proporcionou benefícios para milhares de órfãos, viúvas, crianças desamparadas e toda gama de desprotegidos da sorte.

O título “Grande Dama da Educação Brasileira”, criado em sua homenagem, evidencia que ninguém na história pátria mais o mereceu que Anália Franco. Do Amazonas ao Rio Grande do Sul, passando pelo norte, nordeste, sertão mineiro, sudeste, nos idos tempos do começo do século, no engatilhar da comunicação escrita, sua fama correu de cidades grandes a pequenos burgos através do periódico “A Voz Maternal”, mensageiro de sua exemplar obra de educação e filantropia.

Nesta sublime caminhada, fez-se empresária, empreendedora, escritora, jornalista, educadora, teatróloga, literata, feminista, republicana, abolicionista e espírita vigorosa, numa época de grande domínio clerical. Anália manteve tão profícuas e variadas atividades durante sua vida com seu talento multifacetário, seu coração inclinado à solidariedade humana e sua determinação pertinaz, que parece que seduzia a uns, mas afastava a outros, por se tratar de uma mulher que fugia totalmente aos padrões da época e por realizar uma obra que muitos homens juntos não conseguiram.

Sua obra foi, incontestavelmente, uma das mais salientes e meritórias da história do Espiritismo.

Fontes: <https://uemmg.org.br/biografias/analia-franco-bastos/>

– MONTEIRO, Eduardo Carvalho, “Anália Franco – A Grande Dama da Educação Brasileira”, Editora Eldorado Espírita, 1ª edição, São Paulo, abril de 1992;

– GODOY, Paulo Alves, “Grandes Vultos do Espiritismo”, Edições FEESP.

Anália Franco

ORIGEM E CONTEXTO HISTÓRICO

Anália Emília Franco nasceu em uma família tradicionalmente católica, filha do paulista Antônio Mariano Franco Junior e da pernambucana Teresa Emília de Jesus, sendo a primeira filha do casal, do qual também nasceram Antônio e Ambrosina. Até os seus oito anos de idade, morou na cidade natal — Resende, no Rio de Janeiro; em 1861, ela acompanhou seus pais na mudança para o Estado de São Paulo, passando por estadias em diversas cidades do interior.

Nesse ínterim, recebeu boa instrução de sua mãe, que exercia a profissão de professora — o que, de certa forma, já era um pioneirismo o fato de uma mulher assumir uma atividade profissional, pois, o cenário vigente não parecia promissor:

“Anália nasceu no período imperial, numa sociedade conservadora, patriarcal, monárquica, que de forma geral defendia a escravidão e tinha como única religião aceita o catolicismo. O nascimento de Anália Franco ocorre no momento dos primeiros indícios de melhoramento urbano, do aperfeiçoamento do sistema de transporte, na ocasião da crescente demanda de café exigida pelo mercado internacional e no rompimento da estreita autossuficiência do latifúndio.”

Anália franco e sua ação socioeducacional na transição do império para a república, Samantha Lodi-Corrêa

Nesse contexto imperial o ensino elementar permaneceu geralmente como tarefa da família e, muitas vezes, era realizado na própria casa das camadas privilegiadas, que contratavam seus preceptores particulares. Com isso, a difusão de escolas de primeiras letras ficou praticamente estagnada; o ensino secundário foi desenvolvido principalmente por iniciativa privada e o aparecimento de escolas normais foi restrito; o ensino superior era controlado pelo governo e exigia exames preparatórios. Em relação à formação de professores, A Reforma Couto Ferraz adotou a formação de professores por meio de professores adjuntos, ou seja, na prática os professores se formavam atuando como professores auxiliares de outros professores públicos.

Dificuldades à parte, por um instinto vocacional irrefreável Anália conseguiu em 1868, na idade de debutante, iniciar o curso de magistério e logo mais recebeu permissão para ser professora primária, começando como auxiliar de sua mãe na Província de São Paulo;

INÍCIO DA OBRA SOCIAL

A base do pensamento de Anália Franco se forma em torno dos ares de mudanças sugeridos pelo cenário social, apoiando-se na crença do poder da educação para todos como uma forma de progresso para o Brasil, em sintonia com o ideal da abolição da escravidão e da emancipação da mulher.

Com a promulgação da Lei do Ventre Livre (28 de setembro de 1871) os filhos de mulheres escravas nascidos a partir daquele ano estavam livres da escravidão negreira, ficando estes sob o domínio dos senhores de suas mães até os oito anos completos — o que resultava em abusos e descaso por parte dos fazendeiros, que não tinham interesse em cuidar dessas crianças por não terem nenhum retorno financeiro com isso; muitos desses desvalidos iram parar nas ruas a mendigar. Nessa época, Anália era professora pública concursada em Jacareí, SP, onde então ela se mobilizou em favor desses abandonados; ela usava seu talento de escritora para redigir cartas para as mulheres fazendeiras, pedindo amparo para essas crianças e com isso criou um local próprio — a Casa Maternal — para o primeiro acolhimento; Anália até consegue a isenção do aluguel para tal empreendimento, mas sob a condição de que não houvesse a “promiscuidade” de misturar crianças brancas e negras numa mesma sala de aula; Anália recusou a oferta e preferiu pagar o aluguel de uma outra residência. Quando seu salário não cobria os custos, ela saía às ruas solicitando o auxílio da caridade.

A JOVEM ANÁLIA FRANCO

Em 1872, Anália é aprovada em concurso da Câmara da Província de São Paulo e oficializa seu trabalho como auxiliar de sua mãe, cargo que não assume na capital, mas transfere para o interior com a finalidade de levar adiante seu projeto de “Escola Maternal”, ainda em Jacareí, embora houvesse uma trama para sua expulsão:

“O comportamento, insólito para a época, de uma professora espírita proteger negros, filhos de escravos, pedir esmolas pelas ruas em pleno regime monarquista, católico e escravocrata, gera um clima de antipatia e rejeição entre os moradores da região ante a figura daquela mulher considerada perigosa, e seu afastamento da cidade já é cogitado, quando surge um grupo abolicionista e republicano a seu favor. Passados alguns anos, Anália deixa algumas escolas maternais no interior para radicar-se em São Paulo e associar-se ao Partido Republicano.”

Em 1876, Anália vai morar em Guaratinguetá, onde ela passa a lecionar ao lado de sua mãe. No ano seguinte ela retorna à capital para fazer a escola normal. No final daquele ano, o jornal “A Província de São Paulo” elogia o exame por ela prestado. Seu talento para escrever lhe permitiu ingressar no meio jornalístico, compondo artigos para alguns jornais e revistas da região.

VIVENDO A REPÚBLICA

Em 1888 e 1889, com o decreto da abolição da escravidão e a Proclamação da República no Brasil, o trabalho de Anália avançou ainda mais e ela conseguiu construir dois colégios gratuitos para meninos e meninas. No mesmo ano, ela ainda criou uma revista própria, o Álbum das Meninas — após já ter feito contribuições a revistas femininas, tais como “A Família, “A Mensageira” e “O Eco das Damas.”

De fato, os ares republicanos eram inspiradores, baseados numa promessa de valores para uma maior igualdade de direitos entre os cidadãos; contudo, a educadora vocacionada não se deixou iludir pelas promessas e vez ou outra denunciava em seus escritos os privilégios mantidos pelo Partido Republicano, do qual era simpatizante.

Associação Beneficente Feminina e Instrutiva fundada por Anália Franco
Associação Beneficente Feminina e Instructiva fundada por Anália Franco.

Mas sua lucidez missionária lhe mantinha no foco do trabalho e longe da inércia das falácias e promessas políticas. Em 1901, fundou a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, de apoio às mulheres e crianças, que levou até o final de sua vida.

Contou com o apoio de vinte senhoras e inaugurou-o no dia 17 de novembro daquele ano. Com esse projeto, construiu ainda mais escolas maternais e primárias, além de instituir o “Albergue Diurno para os Filhos de Mães Jornaleiras,” seguido de creches, bibliotecas, escolas noturnas, oficinas profissionalizantes, asilos, liceus, abrigos, centros de atendimento médico e oficinas.

Em 1902, inaugurou o “Liceu Feminino”, destinado a instruir e preparar professoras para a direção e a educação em suas escolas. Durante os cursos, publicou inúmeros livros, folhetos e tratados sobre a infância e o processo pedagógico, como “O Novo Manual Educativo,” que também tratava sobre a adolescência e juventude. Em 1903, passou a publicar uma revista mensal “A Voz Maternal.”

Em 1911, conseguiu adquirir, mesmo com poucos recursos financeiros, a Chácara Paraíso, 75 alqueires de terra que pertenciam ao padre Diogo Antônio Feijó, que havia se tornado regente do Império do Brasil de 1835 a 1837. Nesse espaço, fundou a “Colônia Regeneradora D. Romualdo de Seixas” (alusão a um bispo baiano, cujo espírito de caridade a inspirava), com o objetivo de regenerar centenas de mulheres ditas “desviadas” (que caíram na prostituição ou que engravidaram fora das convenções).

Enfim, os projetos se multiplicaram e a pedagoga filantropa estava cada vez mais ativa:

“Com uma tenacidade sem par, e rodeada de um grupo de cooperadoras e auxiliares que muito a ajudaram, Anália Franco deu início ao vasto programa que tinha em mente. Conforme ela mesma havia dito, ‘conceber o bem não basta; é preciso fazê-lo frutificar!’”

Grandes Espíritas do Brasil, Zêus Wantuil

CASAMENTO E INICIAÇÃO ESPÍRITA

Anália encontrou uma alma parceira para suas atividades sociais em Francisco Antônio Bastos, com quem se casaria oficialmente em 1906, pois a união de fato já era reconhecida pelas pessoas próximas, segundo a biografia Anália Franco: A Grande Dama da Educação Brasileira, de Eduardo Carvalho Monteiro, acrescentando que ela propunha a Bastos a oficialização do casamento deles “simplesmente para não prejudicar as obras da Associação, já que muitos estavam a comentar sua união.”

Ele era espírita convicto, e talvez tenha sido a porta de entrada para a “conversão” de Anália — que outrora admitia ser católica. Há pistas de que ele também tenha sido maçom, sendo supostamente a ponte principal para o suporte — inclusive financeiro — da maçonaria em favor das instituições fundadas por Anália Franco.

O casal não teve filhos, porém adotou algumas crianças, além de indiretamente cuidar da grande família de assistidos internos nas instituições que Anália e Bastos fundaram.

Anália e Bastos assinaram a coautoria do livreto “Questionário para Habilitação à Assistência das Sessões Práticas de Espiritismo,” de 1912. Quatro anos depois, ela publicou Compêndio de Preces, com algumas composições suas ajuntadas à transcrição de algumas orações de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec.

Quatro anos depois, ela publicou “Compêndio de Preces”, com algumas composições suas ajuntadas à transcrição de algumas orações de O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec.

PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA

O preponderante caráter ativo e determinado daquela professora em favor dos “desvalidos” comovia e inspirava as pessoas, no entanto também suscitava antipatias. Sem do que terem o que concretamente falar de Anália, seus críticos, intencionando prejudicá-la, normalmente se valiam do fato de ela ser adepta do Espiritismo — opção bastante desafiadora em um período cuja sociedade dominante era conservadora e profundamente marcada pelo catolicismo. Tal antagonismo fez com que Anália, a fim de não prejudicar seus projetos sociais, fosse sempre muito cautelosa com relação à fé que professava — apesar de que sua convicção pessoal nada interferia no seu ideal de filantropia:

“Anália Franco não impôs crença alguma àqueles que ela atendia na Associação, reforçava sempre a necessidade de respeito mútuo, mas não dispensava a ideia de uma educação moral e a existência de um ser divino.” Anália Franco e sua ação sócio-educacional na transição do império para a república, Samantha Lodi-Corrêa.

A grande educadora se valia da Reforma Leôncio de Carvalho, decretada em 18 de abril de 1879, que assegurava a laicidade do ensino público, rompendo com o juramento católico, anteriormente vigente, que era obrigatório para todos os pretendentes a educadores. Ainda assim, a influência da igreja era patente; todos os seus biógrafos concordam que após Anália se declarar espírita ela passou a ter maiores dificuldades financeiras e a sofrer perseguição eclesiástica.

Falando da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, a historiadora Samantha Lodi assevera que, sob a direção de Anália: “Embora a Associação se declarasse leiga, ensinava a existência de Deus, a imortalidade da alma e moral, sem fazer proselitismo a uma ou outra religião, como previsto em estatuto, para não prejudicar as crenças familiares das crianças. Por isso, qualquer culto deveria ser externado fora das dependências dos estabelecimentos da Associação.”

Esse zelo com o social mais do que com a Doutrina Espírita também foi pretexto para ela receber críticas dos próprios confrades: uma carta recebida por Anália Franco em 13 de março de 1906, escrita por Manoel Felipe de Souza, residente em Uberaba, fazia críticas à educadora por ela não transformar o jornal “A Voz Maternal” — que divulgava a “Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo” — em um órgão de divulgação kardecista.

Incompreensão de um lado, reconhecimento de outro: numa visita à cidade de Ribeirão Preto, por ocasião de um evento espírita, a dama da educação foi recepcionada por um sacerdote local, o Padre Euclides, que a rendeu muito respeitosa e calorosamente, dizendo:

“Eu tenho esta batina, que me abre muitas portas e até mesmo muitas bolsas. A senhora professa uma doutrina, tão nobre quanto qualquer outra, mas ainda pouco compreendida e que lhe dificulta os passos. Mas eu e a senhora seguimos o mesmo caminho, procurando minorar o sofrimento alheio. Esta é a verdadeira lei de Deus.”

Fonte: Padre Euclides, em Unificação - jan. de 1969

“Eu tenho esta batina, que me abre muitas portas e até mesmo muitas bolsas. A senhora professa uma doutrina, tão nobre quanto qualquer outra, mas ainda pouco compreendida e que lhe dificulta os passos. Mas eu e a senhora seguimos o mesmo caminho, procurando minorar o sofrimento alheio. Esta é a verdadeira lei de Deus.”

Padre Euclides, em Unificação - jan. de 1969

DESFECHO E LEGADO

Anália Franco faleceu em 20 de janeiro de 1919, nas dependências da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, vítima da epidemia de gripe espanhola que ceifou outras tantas vidas mundo afora.

Seu legado é inestimável e está longe de ser minimamente reconhecido, especialmente no campo da pedagogia no Brasil, para a compreensão da verdadeira obra social (diferente do assistencialismo barato e interesseiro) e para a exemplificação do caráter ativo que deve ter o autêntico espírita, jamais satisfeito com divagações teóricas.

Seu lema foi sempre socorrer o necessitado, educá-lo com amor e favorecer para que ele próprio deixasse a condição de carência através da educação e do trabalho — sublime propósito digno da verdadeira caridade ensinada pelo Espiritismo.

Das peças para teatro que escreveu, levadas à cena nos teatrinhos das suas instituições de São Paulo e de cidades do interior do Estado, podemos citar: A Escolinha, A Feiticeira e A Caipirinha.

No Senado Federal, no final de 1903, o senador paulista e notável jurista Dr. Paulo Egídio discursou sobre a obra da Grande Dama da Educação Brasileira à frente da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva: “Realmente, não conheço no Brasil uma senhora da sua estatura em dedicação e espírito (...) Esta mulher está fazendo o que os mais intrépidos homens não fizeram ainda.” Em sua homenagem, um conceituado bairro da capital paulista foi nomeado “Jardim Anália Franco”.

O ex-presidente da Federação Espírita Brasileira, Zêus Wantuil, declarou:

“Tamanha fecundidade de trabalho numa mulher é verdadeiramente extraordinário. Anália Franco deu atestado eloquente, naqueles tempos em que a mulher brasileira ainda não se achava emancipada de preconceitos seculares, de que a criatura feminina pode ser não apenas mãe, esposa, filha ou irmã, mas igualmente num sentido mais geral, a ativa cooperadora de todos os grandes ideais humanos.”

Sua produção literária é vastíssima; dela, destacamos os romances:

- A égide Materna,
- A Filha do Artista e
- A Filha Adotiva; entre as obras didáticas os destaques são:
- Manual das Mães,
- Lições aos Pequeninos,
- Manual Para as Creches e Escolas Maternais,
- Noções de Geografia Elementar,
- Brevíssimo Resumo de Aritmética e
- Primeiras Lições para as Escolas Maternais;
- de cunho moral e doutrinário espírita, ele nos legou:
- As Preleções de Jesus (1901) e os já citados
- Questionário para Habilitação à Assistência das Sessões Práticas de Espiritismo (1912) e
- Compêndio de Preces (1916).
- Manual das Mães para o 2º ano Elementar,

Além destes trabalhos, perdemos a conta de outras tantas composições de poesias, comédias, diálogos, operetas, canções, cançonetas, dramatizações escolares e contos cômicos.

Fontes:

- Dissertação de mestrado Anália franco e sua ação sócio-educacional na transição do império para a república (1868-1919), de Samantha Lodi-Corrêa. Campinas - SP, 2009. - Unicamp.
- Verbete Anália Franco na Wikipédia.
- ‘Cinquentenário da desencarnação de Anália Franco’ no jornal Unificação, edição de janeiro de 1969 - USE-SP.
- ‘Os grandes vultos do Espiritismo: Anália Franco’ no jornal Unificação, edição de janeiro de 1868: - USE-SP.

Capítulo Anália Franco em Grandes Espíritas do Brasil, de Zêus Wantuil. FEB - Febnet.

- A pré-escola em São Paulo, Tizuko Kishimoto. Edições Loyola, 1988 - Ebook.
- Anália Franco: A Grande Dama da Educação Brasileira, Eduardo Carvalho Monteiro. Editora Madras, 2004 - CCDPE-ECM.

GALERIA DE FOTOS



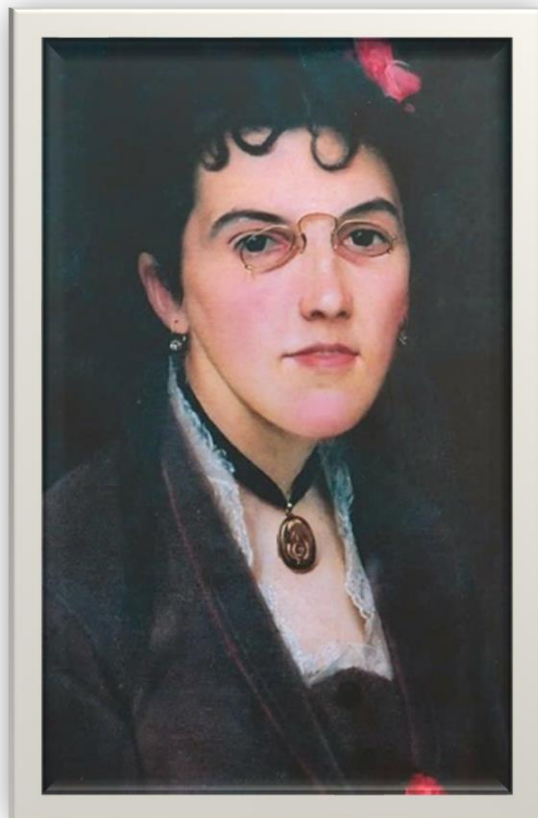
**Associação Beneficente Feminina e
Instructiva fundada por Anália Franco**



Anália Franco e alunas do Liceu Feminino, em 1907



Escola profissionalizante vinculada à AFBI

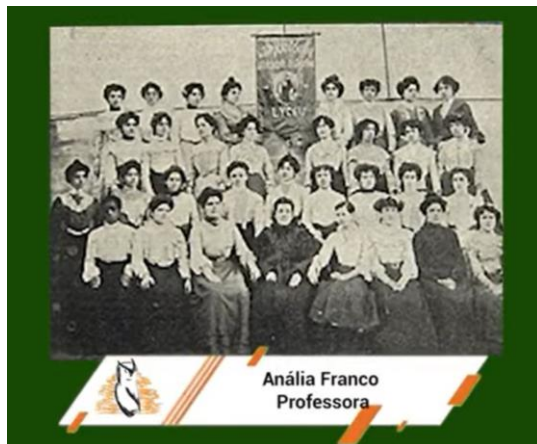


Anália jovem



**Francisco Antônio Bastos
e o Teatro Infantil do Asilo e Creche**

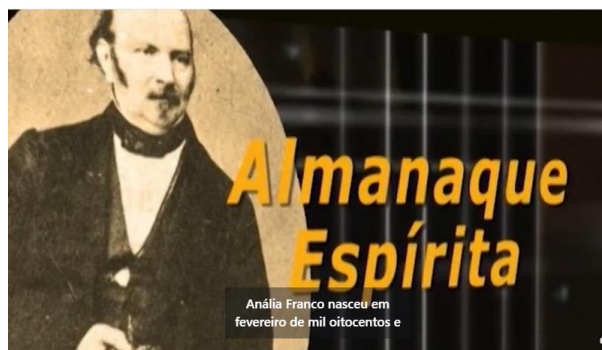
VÍDEOS



<https://www.youtube.com/watch?v=dWiCiO70fco>



https://www.youtube.com/watch?v=b4AMFbizK_Y



<https://www.facebook.com/ACasaDoCaminho/videos/almanaque-esp%C3%ADrita-web-s%C3%A9rie-epis%C3%B3dio-03-an%C3%A1lia-franco-e-seu-legado-esp%C3%ADrita-na-/2536946356611111/>